



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia em comemoração do Dia da Consciência Negra**

Rio de Janeiro-RJ, 20 de novembro de 2008

Primeiro, eu queria agradecer ao nosso companheiro Pezão, Governador em exercício do estado do Rio de Janeiro, e dizer para vocês que eu vi a relação dos artistas que vieram cantar hoje, aqui. Eu acho uma pena a gente estar fazendo discurso, quando a gente deveria estar ouvindo música aqui, das pessoas. Mas, de qualquer forma, os organizadores previram discurso, então vamos fazer um discurso aqui.

Uma coisa importante é que este é um daqueles momentos quase mágicos que todo político e que todo presidente sonha viver. No último dia 23 de julho sancionamos, em Brasília, a lei concedendo anistia póstuma a João Cândido Felisberto, o Almirante Negro. Foi um momento importante, carregado de simbolismo, mas ocorrido dentro de um gabinete.

Hoje, temos a oportunidade de lembrar este nosso herói aqui, no Rio de Janeiro, a primeira cidade brasileira a adotar o Dia Nacional da Consciência Negra como feriado de Zumbi dos Palmares, em 99.

Eu dizia ao companheiro Edson que nós já temos no Brasil, hoje, 350 cidades que decretaram feriado. E que possivelmente é importante que a gente pensasse logo em transformar isso num feriado nacional, porque pelo andar da carruagem a gente vai percebendo que a cada ano mais cidades decretam feriado. Em 2006, eram 225 cidades, hoje já são 350 cidades. Em um ano e meio, mais de 120 cidades decretaram feriado. E certamente são as cidades mais importantes do nosso país.

Bem, eu vou deixar o meu discurso de lado aqui, e vou tentar ter uma conversa para falar do significado do dia de hoje.



O Brasil é um país que lamentavelmente não aprendeu a construir heróis. Na verdade, se a gente pergunta para qualquer cidadão brasileiro, rico ou pobre, se você pergunta quem é o herói brasileiro, todo mundo vai lembrar apenas de Tiradentes.

Ora, isso porque a nossa história não é contada como ela deveria ser contada. Ao longo dos anos, nós temos que contar a história do que representam as pessoas, mesmo dos movimentos pequenos, porque não é a pessoa em si, mas é a causa pela qual a pessoa lutava e pela qual a pessoa morreu. Lamentavelmente, a gente tem que esperar, às vezes, 50 anos, 60 anos, 100 anos, para que um fato histórico seja considerado importante e para que os personagens daquela história se transformem em referência.

Outro dia eu estava num encontro da UNE aqui, no Rio de Janeiro, e eu falei uma coisa que criou uma certa polêmica junto aos companheiros. E como eu gosto de uma polêmica, quero reiterar aqui para vocês. A gente estava discutindo a anistia de todos os companheiros que foram vítimas do regime autoritário. E eu dizia para os companheiros que a gente tem que reivindicar o que tiver que reivindicar, mas nós precisamos aprender a transformar os nossos mortos em heróis. Ou seja, o povo brasileiro precisa conhecer porque as pessoas morreram, o que eles fizeram, porque eles criaram contra eles revolta de quem estava no governo, porque somente assim a gente vai criar uma consciência política na nossa juventude, e elas vão perceber que o Marighella não morreu por ser bandido, ele morreu porque acreditava numa causa. Nós vamos perceber que o Gregório Bezerra não foi arrastado pelas ruas de Recife porque ele tinha roubado um carro, é porque ele defendia liberdade democrática neste país.

Ora, nós estamos, hoje, homenageando um homem que com 13 anos entrou na Marinha, e que em 1908 foi para a Inglaterra para ver os navios que a Marinha inglesa estava construindo para nós. E foi na Inglaterra que esse jovem – na verdade jovem não, uma criança, com 13 anos de idade –, foi em



Londres que ele descobriu que tinha naquela cidade uma revolta dos marinheiros ingleses contra os comandantes, pelos tratamentos que os marinheiros recebiam.

Esse jovem voltou para o Brasil com aquele movimento na cabeça. E vejam a coincidência: ele foi descobrir em Londres que foi exatamente a Marinha inglesa que criou a nossa Marinha, portanto ela não trouxe para cá apenas as virtudes da Marinha inglesa, trouxe também os defeitos da chibatada nos marinheiros.

Pois bem, quando é que esse jovem se rebela? É quando esse jovem vê um companheiro dele ser condenado a 250 chibatadas, que mesmo desmaiado continuaram a bater com a chibata nele. Eu não sei se as costas de um ser humano agüentam 250 chibatadas. E eu não sei quantos brasileiros hoje teriam a coragem e a dignidade de se rebelar contra os seus comandantes, como João Cândido fez naquele tempo.

Vejam, precisou passar muito tempo para que as coisas começassem a mudar e as pessoas começassem a reconhecer. Nós temos muita gente para a gente reconhecer. O Antônio Conselheiro não pode ser vendido a vida inteira como um beato ignorante que fez uma revolta à toa. Ele acreditava em algo maior e tentou organizar uma parte da sociedade para construir uma coisa que ele acreditava: ao invés da violência, era bom que tivesse o debate político para as pessoas poderem ir fazendo as suas opções.

Mas nós temos outros movimentos pelo Brasil, ao longo da história, que nós precisamos recuperar essas histórias, para que essas histórias sejam contadas nas nossas escolas. A gente jamais iria resolver a discriminação ao negro do País, se a gente não tivesse tomado a atitude de fazer com que a história dos negros no Brasil fosse contada na escola brasileira, para que as crianças saibam. Porque os negros viviam em liberdade na África. Eles foram transformados em escravos quando foram presos, e lamentavelmente presos por pobres africanos que escravizavam para vender para portugueses.



E eu tive o prazer de ter uma das maiores emoções da minha vida, de ir ao Beni, e lá ir visitar um lugar chamado “A Porta do Nunca Mais”. Era uma espécie de uma cela onde os negros chegavam, eram separados – meninas, mulheres, homens – ficavam vários dias lá e aí encostava um navio negreiro, quando eles saíam naquela porta e olhavam para o mar, eles sabiam que eles jamais voltariam para o seu país. Viriam para cá, iriam para os Estados Unidos, iriam para Cuba e para outros países.

Eu acho que a gente tem que olhar para a África e de vez em quando imaginar, e de vez em quando a gente refletir porque aquele continente continua sendo o continente mais atrasado do planeta. Se é verdade que lá é a origem do ser humano, eu fico me perguntando como é possível o continente que deu a origem do ser humano ser o mais pobre? É porque durante 300 anos se tirou de lá o que tinha de melhor: jovens, homens e mulheres, jovens com saúde, para trazê-los para cá para torná-los escravos e para fazê-los trabalhar pelos senhores de engenho que não queriam trabalhar.

Eu dou graças a Deus. Não à escravidão, mas aos negros terem vindo para cá. Porque a mistura do negro, do índio e do europeu que estava aqui, que era o português, transformou este povo brasileiro no mais extraordinário ser humano que o planeta tem.

Você vai a um país europeu fazer um ato como esse, só tem galego, não tem nem moreno. Agora vejam aqui que colorido, não de roupa, de cor. Nós conseguimos criar uma raça, eu diria, de uma perfeição extraordinária. E é uma coisa em construção, é por isso que o povo brasileiro é considerado o povo mais criativo. É por isso que agora, essa crise que está acontecendo no mundo inteiro e eu posso dizer para vocês sem medo de errar: o Brasil é hoje o país mais preparado para enfrentar essa crise. E nós temos que ter consciência de que nós vamos fazer o País sair dessa sem sofrer as conseqüências que outros países estão sofrendo.



É a primeira vez que a crise não acontece em um país pobre. Quando acontecia aqui, estava cheio de gringo que vinha aqui dar palpite na nossa economia, agora aconteceu foi lá dentro. Não foi no Rio de Janeiro, não foi na Baixada Fluminense, não foi em Pernambuco. Foi em Paris, foi em Londres, foi em Nova Iorque, foi em Roma, foi nas capitais dos países ricos que aconteceu a crise. E aconteceu a crise por quê? Aconteceu a crise por falta de regulação ao sistema financeiro. Se eles aprendessem com o Brasil, não teriam sofrido a crise que sofreram.

Agora estamos vivendo um problema sério de imigração na Europa. Estão perseguindo, fazendo lei para criar dificuldade para negro, para pobre, para brasileiro, para latino-americano e para a Europa. Ou seja, na verdade eu quero que todo mundo olhe para o Brasil como um país que sabe tratar a imigração. Aqui latino-americano, europeu, palestino, judeu, africano, todos nós vivemos em paz, tranqüilamente, construindo essa nação. E nós estamos recebendo estrangeiros aqui desde 1500. Só fomos brabos com os holandeses e com os franceses que não pediram licença, quiseram invadir. Aí nós os derrotamos em uma curta batalha, mas os derrotamos.

Agora nós estamos vivendo no século XXI, estamos homenageando um homem que é um negro, que é pobre, e que foi perseguido por ter consciência política, que é a maior perseguição que se faz a alguém. Perseguir alguém porque não concorda com aquilo que eu penso. É por isso que este país é um país que vai consagrar...e eu recebi agora todas as religiões para a gente evitar perseguição de uma religião sobre outra religião. Que a gente não tenha mais nesse país perseguição política. O que nós estamos fazendo aqui hoje está acontecendo no mundo inteiro.

Vocês sabem que eu sou um cara que de vez em quando eu gosto de contar história para que o povo aprenda. Vamos ver o que aconteceu no mundo depois da nossa eleição no Brasil. Olhe para a América Latina e veja o que aconteceu na América Latina. Veja a eleição de tantos companheiros.



Depois da eleição do metalúrgico, um índio foi eleito na Bolívia, o Lugo foi eleito, o Chávez já estava eleito, Rafael Correio foi eleito, Cristina Kirchner, Michelle Bachelet, apenas para citar alguns. Não é pouca coisa um negro ser eleito Presidente dos Estados Unidos. Não é pouca coisa. O fato histórico e o simbolismo histórico de um negro ser eleito presidente dos Estados Unidos é uma marca histórica sem precedentes.

Agora, o Obama vai entrar com o país na maior crise da sua história, igual à crise de 1929. Eu acho que o Obama tem que dizer o que eu disse aqui, quando eu tomei posse, em 2003. Eu dizia sempre: eu não posso errar, porque qualquer presidente da elite pode errar e, no dia seguinte, está contratado para escrever artigos em jornais, para dar aula em universidade, qualquer um. Mas um metalúrgico não pode errar, porque se eu errar é uma “cangalha” na cabeça do trabalhador, que ele vai passar 500 anos para eleger outro trabalhador, porque eles vão dizer que o trabalhador não tem competência.

O Obama é inteligente, tudo indica que ele é muito inteligente. Então, ele tem que entrar e dizer: “Eu tenho que recuperar a economia americana, porque senão vão jogar esse desastre dos brancos nas costas dos negros e nunca mais um negro vai ser eleito presidente dos Estados Unidos”. É por isso que eu acho que ele tem que entrar, e certamente vai entrar, com a determinação de tomar atitudes para a economia se recuperar.

Vocês estão lembrados, quando eu tomei posse, em 2003, o que a imprensa escrevia, o que os economistas diziam? “O País está quebrado, o País não tem mais conserto, o País não sei das quantas”. E eu dizia: Não vai quebrar, nós vamos recuperar este país, porque este país é muito grande, tem um potencial. E agora, enquanto tem muita gente com medo da crise, eu tenho dito: Essa crise é uma oportunidade para o Brasil sair dela sendo muito mais forte, sendo muito mais rico e tendo muito mais possibilidades no futuro.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, eu quero terminar dizendo que hoje eu estou feliz porque finalmente João Cândido virou



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

cidadão brasileiro, livre de preconceito.

Um abraço, e bom dia para todos vocês.

(\$211A)